

Casamento, mulheres e antifeminismo no Instagram: Uma Análise de Discurso do perfil de Mariana Brito Garschagen

Daniela Silva Agendes (UFPeL)*

<https://orcid.org/0000-0002-9505-3142>

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo analisar discursos a fim de discutir sobre como são (re)produzidos efeitos de sentido sobre as mulheres e o casamento heterossexual, tendo como pano de fundo as questões de gênero. Por meio da Análise de Discurso francesa (AD), investigamos recortes discursivos do perfil da influenciadora Mariana Brito Garschagen na plataforma *Instagram*, a qual possui claros indícios de afiliação ideológica ao antifeminismo. A análise tem como *corpus* a autodescrição da influenciadora em seu perfil na página e duas publicações do tipo *stories*, os quais contêm subsídios para investigar a construção de efeitos de sentido em torno da representação da mulher casada. Para tanto, alguns princípios da AD são mobilizados, entre eles, o de formação discursiva, de modo que é realizada uma breve revisão histórica de sentidos associados ao casamento e às mulheres. O trabalho realiza uma discussão inicial que pode indicar o quanto uma plataforma de rede social como o *Instagram* está sendo espaço de propagação de valores retrógrados sobre as mulheres e o casamento.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Gênero; Casamento; Antifeminismo.

Abstract:

Marriage, women and antifeminism on Instagram: A Discourse Analysis of Mariana Brito Garschagen's profile

This article aims to analyze discourses in order to discuss how meaning effects on women and heterosexual marriage are (re)produced, considering gender issues. French Discourse Analysis (DA) is used to analyze discourse fragments from Mariana Brito Garschagen's profile on Instagram, an influencer who shows signs of ideological affiliation to antifeminism. The corpus is composed of Garschagen's profile self-description and two Insta-

* Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais (MIDIARS). Mestre em Letras e Bacharel em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Desenvolve pesquisas na linha de Texto, Discurso e Relações Sociais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4515493541195543>. E-mail: daniela.agendes@gmail.com

gram Stories, which enables the investigation of meaning effects produced on married woman representation. For this purpose some notions of DA are mobilized, such as discursive formation, so that a brief historical review of meanings associated with marriage and women is performed. The work presents an initial discussion that can indicate how a social network platform like Instagram is a space of dissemination of retrograde values about women and marriage.

Keywords: Discourse Analysis; Gender; Marriage; Antifeminism.

Introdução

A Análise de Discurso francesa (AD), baseada no pensamento de Michel Pêcheux, possibilita investigar manifestações da linguagem pelo viés da materialização da língua no discurso. Sendo assim, o discurso não é o texto, afirma Mazière (2007). Sob esse ponto de vista, a exterioridade do dizer é considerada pelo estabelecimento da relação do linguístico com o sócio-histórico (ORLANDI, 2006).

Orlandi (1999) afirma que a AD percebe a língua inserida no mundo, e não como um sistema abstrato. A teoria relaciona língua, história, sujeito e ideologia para investigar discursos, levando em consideração contextos e posições ideológicas que determinam os sentidos, o que faz negar ao sentido uma relação transparente com a literalidade do significante, segundo Pêcheux (1988); os sentidos são mutáveis em função das posições sustentadas por quem os emprega. Desse modo, o mesmo dizer pode carregar sentidos diferentes, conforme a formação discursiva (FD) em que se constitui. Logo, interessa investigar como os sentidos se inscrevem no discurso e a que sentidos outros ele remete, para além da transparência e da literalidade.

Este artigo pretende analisar, por meio da Análise de Discurso, efeitos de sentido que emergem sobre o casamento heterossexual e as mulheres a partir de recortes discursivos da descrição e de publicações

do perfil da influenciadora Mariana Brito Garschagen na plataforma *Instagram*¹. Interessa observar a construção discursiva, levando em consideração os claros indícios de afiliação ideológica a posicionamentos antifeministas², por parte de Garschagen, a fim de discutir sobre como são (re)produzidos sentidos sobre as mulheres e o casamento³. O *corpus* inclui a autodescrição de Mariana em seu próprio perfil no *Instagram* e duas publicações do tipo *stories*⁴, com a seleção de recortes que subsidiam a análise de efeitos de sentido e representações sobre a mulher e o casamento, a partir da construção desse sujeito como mulher casada.

Analisar discursos no *Instagram* é relevante porque o Brasil é o terceiro país do mundo com mais usuários na plataforma,

- 1 A página do perfil de Mariana pode ser vista em <https://www.instagram.com/marianabrito>. A influenciadora tem visibilidade também na plataforma *Twitter*, com mais de 84 mil seguidores, em consulta no mês de outubro de 2022 (<https://twitter.com/marianabritosl>). Ela ainda possui um *site* oficial: <https://marianabrito.com>
- 2 Mariana se posiciona como antifeminista, tanto em publicações contra o movimento, quanto no curso que oferece, o “Desconstruindo o Feminismo”.
- 3 Trata-se de uma análise inicial de um dos perfis que serão objeto de estudo de minha futura tese de doutorado.
- 4 A ferramenta *stories* permite publicar textos, imagens, vídeos e sons curtos, individuais ou em sequência, os quais ficam disponíveis por até 24 horas.

com mais de 119 milhões, atrás da Índia e dos EUA (STATISTA, 2022). O aplicativo foi lançado em 2010 e reúne recursos como criação de um perfil pessoal, lista de amigos (seguidores), ferramentas de fotografia e de criação e edição de vídeo. O perfil de Garschagen foi escolhido por ser uma página de defesa do antifeminismo e por se destacar em números, visto que ela possui mais de 550 mil seguidores e já publicou mais de 560 postagens (dados de outubro de 2022). Além disso, trata-se de um exemplo do quanto a internet está dando espaço para a disseminação de ideias de oposição e resistência aos direitos das mulheres, resultando em discursos de intolerância à igualdade de gênero. Cruz e Dias (2015) percebem a *web* como espaço de fortalecimento de movimentos feministas, mas, ao mesmo tempo, observam o ambiente *online* como importante veículo de reações antifeministas. E, especificamente, Mariana Garschagen é parte reconhecida desses movimentos, já tendo sido citada em artigo que analisa discursos antifeministas e desinformação no *Instagram* (SILVA; GOMES, 2022).

Neste trabalho, primeiramente, abordamos alguns conceitos da Análise de Discurso para embasar o estudo. Depois, falamos de características do discurso mediado pelo computador e dos sites de redes sociais. Em seguida, discutimos a respeito da construção histórica e cultural de sentidos relacionados ao casamento e às mulheres, sob o viés das questões de gênero. Por fim, a partir de recortes discursivos de publicações e da apresentação do perfil de Mariana Garschagen, discutimos os possíveis sentidos ali inscritos.

Alguns apontamentos sobre a Análise de Discurso

Analisar discursos implica analisar a língua em funcionamento, a palavra em uso. À AD

interessa analisar o discurso considerando-o exposto ao equívoco da língua, dando lugar à interpretação e a possíveis pontos de deriva: “(...) todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...)” (PÊCHEUX, 2008, p. 53).

A Análise de Discurso observa o sujeito e o discurso como resultado de elementos sociais, históricos e ideológicos. Para a AD, o sujeito é determinado pela linguagem e pela história; ele se constitui ao ser afetado por elas (ORLANDI, 1999). O sujeito se submete à língua de acordo com sua experiência e determinado pela necessidade de dar sentido e de significar-se, e ele o faz em um gesto, um movimento situado sócio-historicamente, interpelado pela ideologia e afetado pelo simbólico: “A forma sujeito, que resulta dessa interpelação pela ideologia é uma forma-sujeito histórica com sua materialidade.” (ORLANDI, 2005, p. 3). Sendo assim, a ideologia é também condição para a constituição do sujeito, sendo este interpelado por ela para produzir os dizeres (ORLANDI, 1999).

Não se trata aqui do sujeito físico, empírico, ou do indivíduo, conforme Ferreira (2003). Orlandi (1999) afirma interessar à AD a posição-sujeito que ele ocupa, o lugar de onde fala. Nos processos discursivos, falante e ouvinte não entram em funcionamento como presenças físicas, mas como representações de lugares determinados segundo a formação social na qual se encontram, segundo Pêcheux (1997). Tais lugares estão presentes como formações imaginárias, isto é, como imagens e projeções que falante e ouvinte atribuem um ao outro. Para o autor, essa percepção é sempre atravessada pelo “já ouvido” e pelo “já dito”.

Esse lugar, ressalta Ferreira (2003), vem a ser preenchido por diferentes posições-

sujeito em determinadas condições circunscritas pelas formações discursivas:

O sujeito assim como é afetado pela formação discursiva onde se inscreve, também a afeta e determina em seu dizer. O efeito-sujeito seria o resultante desse processo de assujeitamento produzido pelo sujeito em sua movimentação dentro de uma formação discursiva (FERREIRA, 2003, p. 43).

O sujeito não está na fonte do sentido. Trata-se de um sujeito determinado ideologicamente, identificado com a formação discursiva à qual está filiado. Para essa identificação acontecer, o interdiscurso, por meio do já-construído, incorpora-se ao discurso e é dissimulado, aparecendo como um “já-dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 167), também chamado de memória discursiva, que possibilita todo dizer e que retorna em todo dizer (ORLANDI, 1999). Isto é, o interdiscurso entra em jogo a cada discurso, na forma de todos os sentidos que já circularam sobre certo assunto.

Em AD, não há busca pelo sentido, mas por efeitos de sentido, pois eles mudam de acordo com a formação ideológica de quem os (re)produz, bem como de quem os interpreta. Para Pêcheux (1997, p. 172): “(...) estando os processos discursivos na fonte da produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentido”. E o sentido nunca é dado, tido como produto acabado, mas está sempre em curso, por se produzir dentro de uma determinação histórico-social: daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido (FERREIRA, 2001).

As formações discursivas (FDs) são a manifestação, no discurso, de formações ideológicas (FIs), nas quais as diferentes posições ideológicas são inscritas e em referência às quais os sentidos se determinam. Conforme a FI a que se filia, a FD determi-

na o que pode e deve ser dito segundo uma dada posição numa determinada conjuntura, no interior de um aparelho ideológico, inscrita numa relação de classes (PÊCHEUX, 1997). É dessa forma que o discurso materializa o ideológico.

Se todo discurso é pertencente a um sistema que deriva da estrutura de certa ideologia, correspondendo a um lugar no interior de uma formação social, significa que um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas (PÊCHEUX, 1997). Orlandi (1999) assinala que as condições de produção dos discursos compreendem o sujeito, a situação e a memória. A situação é considerada tanto em sentido estrito, do contexto imediato, quanto em sentido amplo, do contexto sócio-histórico e ideológico da produção.

É essencial, para a AD, refletir sobre as condições de produção de discursos para analisá-los em relação com a exterioridade. Tal gesto pressupõe que os dizeres não são meras mensagens a ser decodificadas, mas sim interpretadas, e que as condições, de certa forma, determinam os discursos e estão presentes nos efeitos de sentido produzidos. Um fator das condições de produção é a relação de sentidos, isto é, um discurso sempre remonta a outros prévios, em um processo contínuo e amplo. Outro fator, o das relações de força, diz respeito ao discurso variar de estatuto a partir do lugar ocupado pelo sujeito, conforme Pêcheux (1997). A partir da afiliação a certo grupo, o sujeito é porta-voz de determinados interesses e está situado no interior da relação de forças existentes entre elementos políticos e ideológicos antagonistas, o que evidencia a necessidade da relação entre o discurso e seu lugar no âmbito extralinguístico. Sendo assim, cabe à/ao analista verificar o funcionamento das condições de produção

e da memória, para buscar compreender os sentidos do que está sendo dito (ORLANDI, 1999).

Na Análise de Discurso, os sentidos dependem de relações constituídas na/pelas formações discursivas. Porém, elas não são vistas como blocos homogêneos, pois são tomadas de contradição, (re)configuram-se continuamente e possuem fronteiras fluidas, atenta Orlandi (1999). Por esse motivo é que, como analista de discurso, neste trabalho, fazemos um simples gesto de interpretação, na busca de identificar efeitos de sentido que remetem às FDs sobre papéis sociais das mulheres.

Vimos que o sujeito se constitui pela interpelação ideológica. Entretanto, há um apagamento desse processo, para o sujeito, que não se percebe preso em uma rede de linguagem: julga ser fonte do próprio pensamento e dizer, quando na realidade, ao simplesmente enunciar “eu”, já está assujeitado, assinala Mariani (2003). Silva (2012) também aborda os esquecimentos a partir dos quais o sujeito “apaga” a interpelação. Além de ter a ilusão de ser fonte dos sentidos, esquecendo que eles se formam no interior das FDs, o sujeito, ao retomar e reformular o discurso, considera-se no controle, senhor do que diz, iludido de que só poderia ter dito aquilo com as palavras escolhidas de modo a significar exatamente o que pretende, e não de outra forma. Orlandi (2005) discorre sobre a dupla ilusão construída pelo sujeito:

(...) a de que ele é origem de seu dizer (logo ele diz o que quer) e a da literalidade (aquilo que ele diz só pode ser aquilo) como se houvesse uma relação termo a termo entre linguagem/pensamento/mundo. A compreensão dessa articulação de noções mostra a maneira como a subjetividade leva ao **equivoco da impressão idealista da origem em si mesmo do sujeito. Sujeito ao mesmo tempo livre e responsável, de-**

terminador e determinado. Essa ilusão se assenta a meu ver no des-conhecimento de um duplo movimento na compreensão da constituição do sujeito (ORLANDI, 2005, p. 3, grifos acrescentados).

Com o desenvolvimento da AD, a ideia de sujeito totalmente submetido à interpelação ideológica foi questionada, pois esse passa a ser um ritual com falhas, lugar de equívoco. Passa-se da noção de sujeito completamente assujeitado ao sujeito com possibilidade de resistência, discursivo, social: “Nem a hipertrofia do sujeito cheio de vontades e intenções, nem o total assujeitamento e a determinação de mão única.” (FERREIRA, 2003, p. 43). Diz Pêcheux (2008, p. 56) que “(...) todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sociohistóricas de identificação (...)”.

Não é porque se encontra representado por um perfil na *web* que o sujeito deixa de ser determinado e constituído pela linguagem, efeito dela; segue um sujeito dividido e falado pelo inconsciente, segundo contribuição advinda da psicanálise para a AD. Sob essa visão, pensamos o sujeito considerando o trabalho desse inconsciente e sua manifestação em tantas formas como o ato falho, o lapso. É um sujeito que não percebe o processo de retomadas e mudanças das significações a que está submetido (MARIANI, 2003).

O impacto dos discursos mediados pelo computador

A internet trouxe mudanças no modo como comunicação, identidades e relações sociais são formadas. A comunicação mediada pelo computador (CMC) – ou mediada pelo digital, já que vários outros dispositivos acessam a *web* –, exige considerar o impacto da mediação *online* na construção dos discursos. O discurso mediado pelo computador

(DMC) é a comunicação produzida por meio da transmissão de mensagens via redes de computadores, ou via qualquer dispositivo de comunicação digital, segundo Herring e Androutsopoulos (2015). Características próprias desses discursos, como a ausência de espaço físico compartilhado e poucas pistas visuais, influenciam as práticas sociais em um ambiente digital tomado ao mesmo tempo de inúmeras possibilidades e de restrições. Conforme Herring (2001), as diversas formas textuais na CMC apresentam propriedades linguísticas que variam conforme o sistema usado e o contexto sociocultural, ou seja, não é só a parte técnica que determina e influencia os discursos.

Uma das especificidades do DMC reside na noção de “públicos em rede” (boyd⁵, 2011), os quais conferem superpoderes ao discurso. Eles se caracterizam pela persistência, porque se mantêm por muito tempo após sua publicação; pela replicabilidade, já que podem ser compartilhados por outras pessoas; pela escalabilidade, porque se disseminam e atingem outros usuários em grande escala; e pela buscabilidade, pois são facilmente pesquisados na *web*.

As plataformas ou sites de redes sociais (SRS)⁶ são um espaço propício para que essas características emergam. Eles possuem aspectos tecnológicos em comum, mas usos culturais variados. Segundo boyd e Ellison (2007), a maioria dos SRS objetiva a manutenção de redes sociais pré-existentes no mundo *offline*, mas também há aqueles que conectam estranhos com interesses semelhantes. Um dos principais aspectos dos

SRS é possibilitar ao usuário construir uma representação de si mesmo, que inclui a foto do perfil, a autodescrição e a exibição das conexões com outras pessoas. O perfil e a lista de amigos são um exemplo de ferramenta de construção de quem se é na realidade virtual. Por esse motivo, é interessante observar como a influenciadora Mariana Garschagen constrói discursivamente seu perfil.

A valorização do casamento na sociedade patriarcal

Se pretendemos analisar como são (re) produzidos e relacionados efeitos de sentido sobre as mulheres e o casamento, tendo como pano de fundo o antifeminismo, é necessário discutir brevemente alguns sentidos já circulantes em formações discursivas relacionadas a esses aspectos. Isto permitirá relacionarmos o *corpus* a sentidos já existentes sobre a mulher e o casamento.

Durante os séculos de colonização no Brasil, o chamado patriarcalismo brasileiro dominou a cultura e as relações, observa a historiadora Mary Del Priore (2013). Ele foi resultado da soma da tradição portuguesa e da colonização agrária e escravista, materializada numa grande família reunida em torno de um chefe, pai e senhor forte e temido, frente a quem a mulher precisava se curvar. Tanto o catolicismo incentivava a relação de dominação no casamento, quanto a relação de poder presente na escravidão se reproduzia nas relações íntimas de marido e mulher, com esta condenada a ser:

(...) uma **escrava doméstica**, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo, dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência e servindo como modelo para a sociedade com que sonhava a Igreja (PRIORE, 2013, p. 10, grifos acrescentados).

5 A própria autora opta pela grafia de seu sobrenome em letras minúsculas, em seus trabalhos.

6 Os sites de redes sociais são definidos por boyd e Ellison (2007) como serviços da *web* que permitem aos indivíduos construir um perfil dentro de um sistema; organizar uma lista de outros usuários com quem compartilham uma conexão; e visualizar sua lista e a dos outros.

Segundo a autora, independentemente do modo como as culturas se organizaram, a diferença entre masculino e feminino sempre foi hierarquizada, principalmente depois de o matrimônio ser concebido. A tradição católica portuguesa trouxe mentalidades e práticas machistas marcadas pela desigualdade profunda entre os sexos, com lugar e papéis determinados: “Ao homem a vida na rua, a vida pública. Para a mulher, a vida em casa, na privacidade.” (PRIORE, 2005, p. 106). Ao marido, o papel de dominador, insensível e egoísta. À esposa, o de fiel, submissa e recolhida.

A valorização do casamento foi sendo construída em torno de valores como respeitabilidade, ascensão social e segurança. Na sociedade tradicional, o casamento era a única instituição que permitia à mulher se realizar como ser social, pois ela não possuía estatuto fora do matrimônio. Aquelas sem marido viviam à margem, nos limites da desclassificação social. Embora diversos formatos de família tenham convivido ao longo de mais de 350 anos, o casamento sempre foi a chave para impor diferenças entre as mulheres. A Igreja contribuiu para a construção de papéis femininos no imaginário social: as esposas eram as mulheres corretas; as concubinas, imorais, eram as mulheres erradas, aponta Priore (2013).

O casamento, baseado em interesses familiares, dispensou o amor e a atração sexual, e as uniões se davam por dever, sob influência da Igreja, por mais de quatro séculos. Já em meados do século XIX, surge o casamento romântico, que escapa às estratégias religiosas ou familiares (PRIORE, 2005). O fim do século XX traz as revoluções sexual e feminista. Entre tantas possibilidades de relações amorosas que surgiram, o casamento continua inspirando o imaginário de muitas brasileiras e ainda é uma das

melhores opções no aspecto afetivo, econômico e social, afirma Priore (2013). E, se o casamento termina, “(...) as mulheres sofrem imediata desvalorização no mercado matrimonial.” (PRIORE, 2013, p. 170).

A autora observa uma ambiguidade como resultado das revoluções feministas até o século XX, tendo conquistas, mas também armadilhas: “A revolução sexual eclipsou-se diante dos riscos da AIDS. Se trouxe independência, a profissionalização trouxe também estresse, fadiga e exaustão.” (PRIORE, 2013, p. 107). Para ela:

As mulheres do século XXI são feitas de **rupturas e permanências**. As rupturas empurram-nas para a frente e as ajudam a expandir todas as possibilidades, a se fortalecer e a conquistar. As permanências, por outro lado, apontam fragilidades. Criadas em um mundo patriarcal e machista, **não conseguem se enxergar fora do foco masculino. Vivem pelo olhar do homem, do “outro”**. Independentemente, querem uma única coisa: encontrar um príncipe encantado. Têm filhos, mas se sentem culpadas por deixá-los em casa. Em casa, querem sair para trabalhar. (PRIORE, 2013, p. 7, grifos acrescentados).

Nos dias atuais, a desigualdade social e a disparidade entre os sexos se acumulam, enquanto os benefícios dos homens se multiplicam. As tarefas domésticas continuam majoritariamente sob responsabilidade delas, “(...) embora já surjam algumas zonas de negociação, como o fogão ou as compras.” (PRIORE, 2013, p. 170).

Se, no período colonial, a função mais importante para a mulher casada era a procriação, ainda hoje um dos papéis mais associados ao sexo feminino é o fato de poder ser mãe. A inserção da mulher no mercado de trabalho fez as mulheres terem de se dividir entre os papéis (e trabalhos) do lar e os da rua, aponta Priore (2013, p. 96): “Ora mãe, ora profissional. Nos dois, deveria se

sair bem, desdobrando-se como podia entre duplas, quando não triplas jornadas de trabalho”. O maior acesso à educação, à profissionalização e a medidas contraceptivas trouxe impactos à família e à maternidade, e a mulher passou a cada vez mais poder escolher entre ser ou não ser mãe, e em que momento da vida.

Ainda que cada vez mais mulheres assumam a ausência de desejo pela maternidade, e o estereótipo e o destino da mulher como mãe venham sendo questionados e combatidos por feministas, persiste para muitos a visão da mulher como “reprodutora”. Tal atributo, a propósito, faz parte da visão baseada em funções biológicas para atribuir sentidos ao feminino e ao masculino. Funck (2007) propõe pensar o feminino e o masculino para além da noção de diferença biológica e meramente anatômica, levando a discussão para a questão do gênero – para o caráter social e culturalmente construído da feminilidade e da masculinidade. A noção de gênero permite trabalhar no terreno da ideologia e da hegemonia, enfocando questões identitárias e políticas de representação (FUNCK, 2007). A visão de gênero de Scott (1999, p. 2) complementa o conceito: “(...) gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens (...)”. Ou seja, nem mesmo o sexo é um dado natural e independente da cultura.

Para analisar discursos inseridos numa formação ideológica antifeminista, faz-se necessário atentar para um possível conceito do movimento, primeiramente, olhando para aquele que o originou: o feminismo. Cruz e Dias (2015, p. 36) o entendem “(...) como uma posição política que parte do reconhecimento da hierarquia social entre homens e mulheres, que a conside-

ra historicamente determinada e injusta, e busca eliminá-la (...)”. As mesmas autoras veem o antifeminismo como um movimento oposto à luta das mulheres pela ampliação de direitos. O antifeminismo promove manifestações que representam retrocessos à modernização da sociedade, em discursos defensores da “tradição”, alimentados por uma retórica amparada pelo Estado e pela Igreja desde o passado: a “(...) retórica da família – da grande e harmoniosa família misoginizada cristã brasileira (...)” (CRUZ; DIAS, 2015, p. 40).

Análise

A partir daqui, será realizado um gesto de interpretação a fim de tentar identificar efeitos de sentido construídos sobre a mulher e o casamento em recortes discursivos de publicações do perfil da influenciadora Mariana Garschagen, assumidamente antifeminista. Buscaremos distinguir papéis sociais atribuídos às mulheres, com base nas sequências discursivas, cujos elementos da materialidade linguística (des)identifiquem-se com as formações discursivas já discutidas neste artigo.

“Casada com @bgarschagen, mãe da Martina, jornalista, analista de política, empresária, palestrante e professora”⁷. Propomo primeiramente observar a escolha e a disposição das palavras que compõem a autodescrição de Mariana Garschagen em seu perfil no *Instagram*. Essa disposição é hierárquica, pois segue uma ordem de importância na representação do sujeito. O que se coloca primeiro é o *status* de casada com Bruno Garschagen, cientista político de perfil conservador, que também possui perfil no *Instagram*⁸, com mais de 250 mil se-

7 Descrição do perfil <https://www.instagram.com/marianabrito> em agosto de 2022.

8 O perfil de Bruno Garschagen pode ser acessa-

guidores (dados de outubro de 2022). Mariana se apresenta não somente como mulher casada, mas casada com este homem em específico, convidando quem visita seu perfil a saber quem ela é, também, a partir do conhecimento de seu marido, a quem ela escolheu e por quem foi escolhida para constituir família. Tal fato conversa com os valores da cultura patriarcal, pois demonstra a relevância, para a mulher, do fato de ter um homem ao seu lado, e não qualquer homem: Bruno é branco, cientista, escritor com visibilidade e com perfil verificado⁹ na plataforma (diferentemente do perfil de Mariana, que não passou por processo de verificação).

Expor publicamente o fato de ter um marido como Bruno Garschagen pode ter o intuito de conferir valores como respeitabilidade, ascensão social e segurança à mulher, tal como nos séculos passados (PRIORE, 2013). Apresentar-se como casada pode atribuir uma posição de distinção perante outras mulheres, tal como ocorria no século XIX, segundo Priore (2005, p. 199), quando era nítida: “(...) a diferença entre mulheres de família, estas para namorar, noivar e casar, e as ‘outras’. Existia uma espécie de dupla moralidade feminina (...)”.

Em seguida, aparece a posição de mãe – recentemente, no mês de julho, nasceu a filha de Mariana, chamada Martina. Até aqui, há a valorização do papel da mulher na esfera privada. O primeiro lugar a que diz

pertencer se refere à vida em casa, na privacidade, como era com as mulheres de antigamente (PRIORE, 2005).

Figura 1: Página do perfil @marianabrito no *Instagram*.



Logo depois, Mariana descreve seu lugar no âmbito público, o que aparenta estar em segundo plano, apesar de ter maior número de atribuições. A formação tradicional, por um curso superior, é a primeira escolhida, na descrição como jornalista. Após, analista de política, empresária, palestrante e professora dizem respeito a funções exercidas a partir da profissão formal.

do em: <https://www.instagram.com/bgarschagen/>.

9 A verificação no *Instagram* é uma forma de confirmar que contas de destaque são realmente das pessoas que elas dizem que são. Segundo a plataforma, “(...) as pessoas poderão saber quais contas são autênticas e relevantes”. A verificação não é considerada pelo Instagram como “símbolo de importância”. Definição disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/verification-on-instagram>

Nem apenas casada nem apenas mãe. No discurso, ficam evidentes o cumprimento do tradicional dever do casamento – o de procriar – bem como o descarte da possibilidade de esta mulher ser mãe solteira. O discurso trata de certificar a identificação do sujeito-mulher com a posição ideológica tradicionalmente ligada a valores da família patriarcal e cristã.

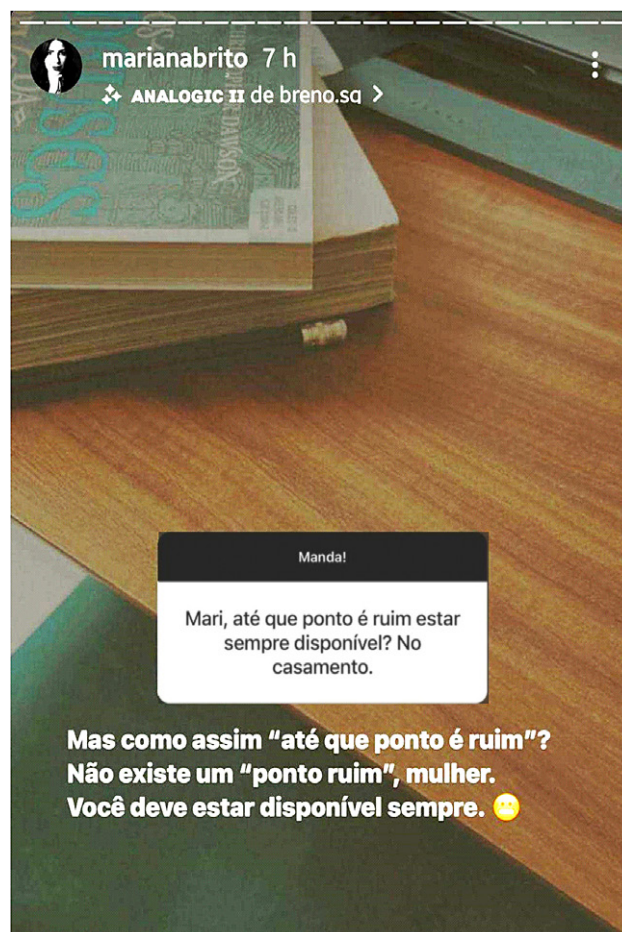
Que sentidos o fato de estar casada pode ter para a mulher? O que é possível interpretar a partir dessa descrição? Para tanto, será necessário observar publicações com discursos que deem vestígios de sentidos por trás do casamento segundo a formação ideológica a que a influenciadora está ligada, a antifeminista.

Em uma postagem do tipo *stories*, no dia 6 de agosto de 2022, Mariana escolhe responder e publicar um dos questionamentos deixados em uma caixa de perguntas. Uma seguidora anônima diz: “Mari, até que ponto é ruim estar sempre disponível? No casamento.” Ao que Mariana responde: “Mas como assim ‘até que ponto é ruim’? Não existe um ‘ponto ruim’, mulher. Você deve estar disponível sempre.”

O discurso de Mariana coloca a mulher em posição de disponibilidade e submissão, assim como nos tempos da influência da colonização católica portuguesa, conforme assinalado por Priore (2005), quando o papel da esposa era ser fiel e submissa, e o do marido, ser dominador. Além disso, não está evidente exatamente para que função a mulher precisa estar disponível. Seria para o sexo? Para limpar a casa e cozinhar? Para atender a quaisquer desejos e pedidos do marido? Para cuidar dos filhos?

No mesmo dia, a influenciadora escolhe responder à seguinte pergunta de uma seguidora anônima: “Mari, quais seriam as tarefas para meu marido me ajudar em casa?”

Figura 2: publicação em *stories* nº 1.



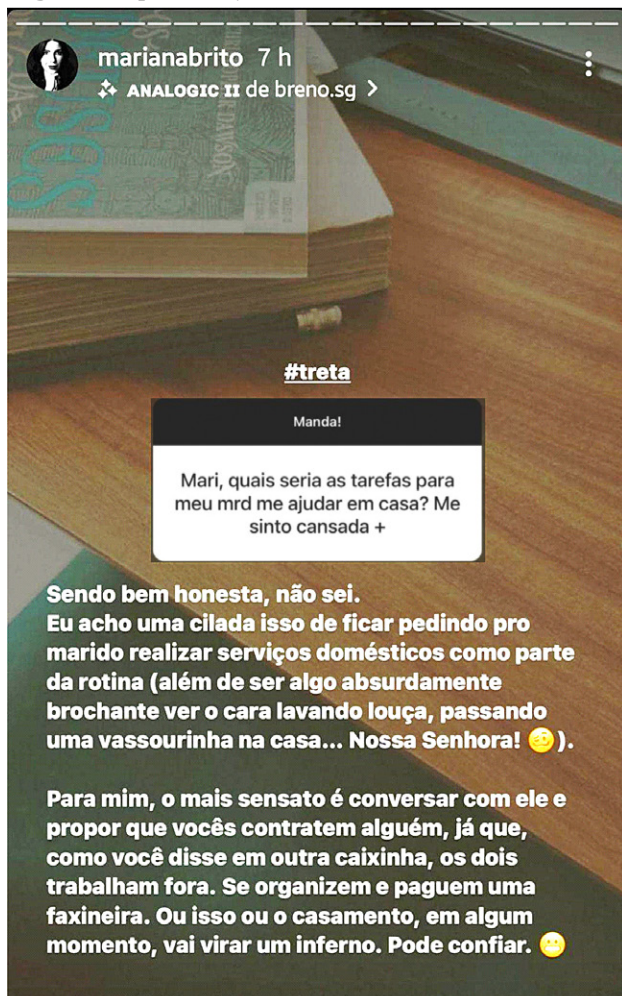
Me sinto cansada.”. Em resposta, Mariana coloca a *hashtag*¹⁰ “#treta” e diz:

Sendo bem honesta, **não sei**. Eu acho uma cilada isso de **ficar pedindo** pro marido realizar serviços domésticos como parte da rotina (além de ser algo absurdamente **brochante** ver o cara lavando louça, passando uma vassourinha na casa... Nossa Senhora!). Para mim, o mais sensato é conversar com ele e propor que vocês contratem **alguém**, já que, como você disse em outra caixinha, os dois trabalham fora. Se organizem e paguem uma **faxineira**. Ou isso ou o casamento, em algum momento, vai virar o inferno. **Pode confiar** (grifos acrescentados).

O discurso prevê a polêmica no anúncio da “treta” que, como gíria, indica confusão, e não coloca a esposa em posição de cuidar dos

¹⁰ *Hashtag* designa uma palavra ou frase usada para identificar mensagens relacionadas a um assunto específico.

Figura 3: publicação em *stories* nº 2.



serviços domésticos, tampouco o marido. Entretanto, sugere contratar “alguém”, especificado como uma “faxineira”, isto é, de toda forma, será uma mulher a realizar o trabalho da casa. Se alguém será a “escrava doméstica” (PRIORE, 2013, p. 10), se assim puder dizer, não será a esposa, mas uma profissional do sexo feminino. Caso o homem fizesse algo, seria a pedido da esposa, então, a mulher é a responsável por pedir ajuda, planejar e distribuir tarefas na rotina da casa. Além disso, seria “brochante” ver o homem limpar a casa, seja na acepção desta palavra como desestimulante do ponto de vista sexual, ou como desanimador num sentido geral.

Conhecer os interesses da audiência *online* é fundamental para conquistar e manter sua atenção. A produtora de conteúdo no *Instagram* traça um perfil do público, com o

mapeamento de características que englobem o maior número de pessoas, pela necessidade de criar identificação entre locutor/interlocutores. Tal mecanismo de funcionamento discursivo diz respeito às formações imaginárias que presidem todo discurso, no que concerne às imagens que interlocutores fazem um do outro, de si e do objeto do discurso (ORLANDI, 2006). O sujeito que fala tem a capacidade de se colocar no lugar de quem ouve e de se antecipar quanto a sentidos e efeitos que suas palavras produzem perante o interlocutor.

Quando Mariana escreve “Pode confiar”, dirige-se diretamente a quem a lê e procura se posicionar como alguém confiável; ela cria um efeito em seu discurso como digno de ser seguido pela audiência. Embora comece o texto respondendo “não sei”, desenvolve uma alternativa para quem deve realizar as tarefas do lar. Além disso, afirma que o casamento vira um inferno se não for da maneira sugerida por ela, e nisso, a leitora “pode confiar”. Podemos nos perguntar se tal conclusão se deu por experiência própria da influenciadora, ou por conhecer a história de outras pessoas; não há indícios para chegar a uma resposta.

Parece possível observar também na *web*, assim como nas revistas, a pedagogia comportamental para relacionamentos amorosos (AGENDES, 2012). Ao receber perguntas sobre comportamento, Mariana é colocada por quem a questiona em posição de quem detém o saber: dona do discurso capaz de orientar seu público. E ela toma para si esse lugar privilegiado, até mesmo na forma de imposições, como no trecho do *stories* nº 1: “Você deve”.

Os discursos da influenciadora ganham poder pela especificidade do meio digital: os “públicos em rede” (boyd, 2011). As publicações podem ser compartilhadas com outras

pessoas, pelo recurso de envio do *Instagram*, e assim se valem da escalabilidade, atingindo outros usuários em grande proporção. E, caso os *stories* sejam salvos, persistem na página por muito tempo. Sendo assim, o perfil de Mariana é um disseminador poderoso de discursos conservadores sobre as mulheres.

Considerações finais

Por este ser um trabalho de Análise de Discurso, não pretende nem consegue esgotar as possibilidades de interpretação, já que os conceitos-chave da teoria se movimentam e se reconfiguram, a cada análise, como ressalta Ferreira (2003). A marca da incompletude caracteriza o dispositivo teórico do discurso e abre espaço para a falta, que entra em cena como motor do sujeito e lugar do impossível da língua, onde as palavras “faltam” e, assim, há a produção de equívocos.

Tendo isso como pressuposto, este artigo chega ao final com algumas considerações. Como indicado por Orlandi (1999), buscamos relacionar alguns aspectos do interdiscurso sobre o casamento e as mulheres para compreender possíveis sentidos dos dizeres em publicações do perfil de Mariana Garschagen. Parece ser possível pensar que, no ambiente virtual, o sujeito carrega consigo aspectos do mundo *offline* e também fala de algum lugar, o lugar social de Pêcheux, que é preenchido pela forma-sujeito, ou sujeito do saber de uma formação discursiva, o qual incorpora e dissimula os saberes que circulam no interdiscurso. O indivíduo constrói o discurso com base em uma FD com a qual se identifica e que o constitui enquanto sujeito do discurso sob um efeito de unidade, de evidência, tornando-se sujeito ideológico.

Os discursos analisados no perfil de Mariana demonstram que ela assume a posição de orientadora sobre o papel feminino no casamento. Sabendo que as condições

de produção do discurso estão ligadas ao antifeminismo, foi possível identificar sinais desta formação discursiva/ideológica retrógrada na materialidade discursiva dos textos analisados, com a percepção de uma representação conservadora da mulher e de sua função no casamento.

Tais discursos criam um efeito de sentido sobre o casamento como instituidor da mulher como ser social, como aponta Priore (2013) em relação ao período colonial brasileiro. E, ainda hoje, esse ser social feminino é submisso, disponível ao homem, produzido para seu olhar. Por meio das postagens, Mariana Garschagen retoma, reforça e explica sua posição-sujeito em torno da construção social de mãe e esposa em manifestações ligadas ao antifeminismo, pois se mostram retrógradas e afiliadas ao discurso conservador defensor da “tradição”. Suas publicações parecem manter vivos estereótipos e padrões historicamente impostos e socialmente cultivados, contribuindo para que a(s) ideologia(s) dominante(s) permaneçam sobre a representação e os papéis sociais das mulheres. E, ao serem manifestados nos sites de redes sociais, tais valores ganham visibilidade e força.

Referências

- AGENDES, D. S. **O bê-á-bá do jogo da sedução: uma análise crítica dos discursos jornalístico e de divulgação científica nas revistas *Gloss* e *Men's Health***. 2012. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2012. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/10/Daniela-Silva-Agendes.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- boyd, D. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In.: PAPACHARISSI, Z. (Ed.). **A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. New York: Routledge, 2011, p. 39-58. Disponível em: <<http://viralmedia.pbworks.com/w/file/fetch/45052678/A%20Networked%20Self>>

[Identity,%20Community%20and%20Culture%20on%20Social%20Network%20Sites%202011.pdf](#)>. Acesso em: 5 ago. 2022.

boyd, D.; ELLISON, N. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13 (1), article 11. 2007. Disponível em: <<https://www.danah.org/papers/JCMCIntro.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

CRUZ, M. H.; DIAS, A. F. Antifeminismo. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristovão, n. 1, p. 33-42, jan./abr. 2015. Disponível em: <<https://trapiche.revistas.ufs.br/index.php/revec/article/view/3651>>. Acesso em: 24 jul. 2022.

FERREIRA, M. C. L. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2001.

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Letras**, [S. l.], Santa Maria, n. 27, p. 39-46, 2003. DOI: 10.5902/2176148511896. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896>>. Acesso em: 5 ago. 2022.

FUNCK, S. Discurso e identidade de gênero. In.: CALDAS-COULTHARD, C. R.; SCLIAR-CABRAL, L. **Desvendando discursos**: conceitos básicos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. p. 183-195.

HERRING, S. C. Computer-mediated discourse. In.: D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 612-634. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

HERRING, S. C., & ANDROUTSOPOULOS, J. Computer-mediated discourse 2.0. In.: D. Tannen, H. E. Hamilton, & D. Schiffrin (Eds.), **The handbook of discourse analysis**, Second Edition. Chichester: John Wiley & Sons, 2015. p. 127-151. Disponível em: <<http://info.ils.indiana.edu/~herring/herring.androutsopoulos.2015.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MARIANI, B. Subjetividade e imaginário linguístico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 55-72, 2003. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/300480943.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MAZIÈRE, F. **A análise do discurso**: histórias e práticas. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ORLANDI, E. Análise de discurso. In.: ORLANDI, E; LAGAZZI, S. **Discurso e textualidade**. Campinas:

Pontes, 2006.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. O Sujeito Discursivo Contemporâneo: um exemplo. **Anais do II SEAD** – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/EniOrlandi.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do discurso (AAD-69). In.: GADET, F; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Discurso e ideologia(s). In.: **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. **O discurso**. Estrutura ou acontecimento. 5a ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PRIORE, M. D. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013. Disponível em: <<https://lelivros.love/book/download-historias-e-conversas-de-mulher-mary-del-priore>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

PRIORE, M. D. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/8s5s>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SCOTT, J. W. Introduction. In.: SCOTT, J. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1999. p. 1-11.

SILVA, R. S. O imaginário na Análise do Discurso: percursos de uma noção. In.: SILVA, R. S. **Tempo na análise de discurso**: implicações no imaginário de trabalhador no discurso sindical da CUT. Curitiba: CRV, 2020. p. 17-44.

SILVA, M.; GOMES, G. Movimentos antifeministas e desinformação: uma análise dos discursos promovidos no *Instagram*. **REBECIN**, São Paulo, v. 9, Número Especial, p. 1-13, 2022. Disponível em: <<https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/329>>. Acesso em: 3 ago. 2022.

STATISTA. **Leading countries based on Instagram audience size as of January 2022**. Hamburgo, 2022. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-Instagram-users>>. Acesso em: 2 ago. 2022.

Recebido em: 15/10/2022

Aprovado em: 06/04/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.